

EM BUSCA DA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS DE RESTINGA SÊCA, RIO GRANDE DO SUL

IN SEARCH OF HISTORY AND STORIES OF RESTINGA SÊCA, RIO GRANDE DO SUL

Elaine dos Santos¹ (Antonio Meneghetti Faculdade)

Resumo: Este artigo é um estudo introdutório de uma pesquisa maior que se propõe a estudar a História de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul, para buscar informações sobre a sua origem, a sua formação, a constituição da sua identidade, os traços que definiram a sua municipalidade, os eventos adversos que dificultam o seu desenvolvimento econômico. Trata-se de um trabalho de coleta bibliográfica, feita em livros, artigos, dissertações, teses, da mesma forma que é um conjunto de entrevistas orais, ou a coleta da memória oral, com habitantes do município para buscar resgatar informações que não foram consolidadas como História, mas que povoam o imaginário social. Não há ainda estudos conclusivos porque a pesquisa está em andamento e novas fontes estão sendo acrescentadas a ele.

Palavras-chave: Restinga Sêca. Memória. História.

Abstract: *This paper presents a introductory study about Restinga Sêca History, a city in Rio Grande do Sul. This is a larger research, to seek informations about your origin, training, identity's constitution and a strokes that defined a municipality and na adverse events hamper your economic development. It is a research of collection' literature made in books, articles, dissertations, theses and the same way is a collection oral interviews or a collection memory's oral with inhabitants of the municipality to get rescue information were consolidated as History, but who populate imaginary's social. There are no conclusive studies yet because a research is underway and new sources are being added to it.*

Keywords: Restinga Sêca. Memory. History.

Introdução

O presente estudo é parte de um esforço concentrado de um grupo de pessoas, professores licenciados, mestres e doutores, além de membros da comunidade, com o propósito de resgatar a História de Restinga Sêca/RS, um pequeno município no interior do Rio Grande do Sul, haja vista que, de fato, há apenas um livro, escrito por Lacy Cabral Oliveira, **Evolução histórica, política e administrativa do Município de Restinga Sêca**, publicado em 1983, que procura ser uma síntese dos principais acontecimentos que

¹ Professora Doutora em Letras, área de concentração em Estudos literários, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ano de obtenção do título: 2013. E-mail: e.kilian@gmail.com

engendraram aquele espaço/tempo. Contudo, em face da escassa bibliografia disponível para pesquisa da autora, dos novos e imensuráveis recursos tecnológicos disponíveis e até mesmo pelo desaparecimento compulsório do referido livro (restam menos de 10 exemplares), concluiu-se que era preciso, a partir dos dados constantes ali, buscar novas fontes, o que inclui registros feitos em cartórios e tabelionatos da região desde o século XVIII, assim como material guardado por famílias tradicionais e que contam parte dessa História, agregando-se, além disso, a memória do povo, a memória dos homens comuns que também, de alguma forma, nos dois últimos séculos, participaram da ereção do distrito, da vila e do município.

Neste particular, a memória oral, conta-se com vários atores, pessoas na faixa etária de 85 a 92 anos, ainda lúcidas que, permeadas por suas afetividades, podem trazer acréscimos substanciais à História narrada pelos livros, mas também às histórias do povo. Neste sentido, tem-se presente os postulados teóricos de Jacques Le Goff, em **História e Memória**, Paul Veyne, em **Como se escreve a História**, Ecléa Bosi, em **Memória e sociedade**: lembrança de velhos, entre outros, não se pretendendo escrever uma História ou histórias definitivas, mas lançar luzes sobre o passado. As entrevistas, em face do perfil dos entrevistados, tornaram-se necessariamente abertas, sendo apenas balizadas por eventos históricos: processo de emancipação, primeira eleição, golpe militar etc. As entrevistas estão sendo gravadas e, posteriormente, degavadas e copiadas em arquivo do tipo Word (extensão .doc) para análise posterior, sendo reagrupadas em arquivos conforme os debates postos em relevo. Neste aspecto, acredita-se que emergirão outras linhas de análise: a estação ferroviária, o Clube Seco, o cinema, a praia das Tunas, a escola mantida pelas irmãs Calvarianas etc.

Para este artigo em específico, escolheu-se uma das principais descobertas que se fez neste estudo ainda inicial. Consagrou-se, ao longo dos anos, a informação que o local destinado ao abastecimento das locomotivas que puxavam os trens de passageiros ou de carga, junto a uma sanga entre as estações de Estiva e Arroio do Só, chamou-se “Caixa d’água” e que, posteriormente, teria sido denominado Restinga Sêca, em decorrência da própria sanga, que se costumava contar, no verão, em tempos de seca, secava em seu nascedouro, que servia para pouso dos tropeiros que faziam a rota até Formigueiro/RS, cidade distante cerca de 20km e referiam-se à parte seca da restinga.

A própria professora Lacy Cabral Oliveira, em seu livro já mencionado, desfazia essa informação, afirmando que, provavelmente, os colonos de origem alemã, que chegavam à região através do rio Jacuí, consideravam-na uma restinga por se tratar de uma porção de

terras mais elevada, seca, situada entre rios. Na sequência, os registros do viajante francês vieram corroborar a suposta nova informação, uma vez que também ele dava conta de uma Estância da Restinga Sêca, anterior à existência da estrada de ferro.

Assim posto, o artigo é composto por esta introdução, por um breve histórico de Restinga Sêca tendo como base os dados já obtidos – reitera-se que a pesquisa em documentos históricos encontra-se em fase inicial e que se acredita na possibilidade de documentos que registrem a existência da Estância citada por Saint Hilaire ou outras fazendas nas imediações ainda no século anterior. Na sequência, faz-se uma apresentação, ainda que sucinta, do modo de vida que se desenhou ao redor da estação ferroviária, trazendo-se à cena a mais importante figura artística oriunda de Restinga Sêca, o pintor expressionista Iberê Camargo, a tal ponto que a cidade foi cognominada “Terra de Iberê Camargo”. Fica nítida entre os entrevistados a relevância da estação ferroviária para a dinâmica social do vilarejo e, posteriormente, do município. Neste sentido, cumpre agregar que a sede da estação permaneceu fechada durante muitos anos, sob o controle da América Latina Logística, concessionária da via férrea e, em 2017, o governo federal repassou a concessão, isto é, o domínio do prédio para a Prefeitura Municipal de Restinga Sêca, que já tem realizado alguns movimentos com vistas à sua restauração. Ao final, apresentam-se algumas considerações finais sobre este artigo, mas que ainda são incipientes porque não trazem o resultado final dos estudos, o que, com certeza, ainda demandará muito tempo. No entanto, julgamos importante partilhar estes primeiros achados, levá-los ao mundo acadêmico, dar expressão ao pequeno município e uma de suas maiores riquezas: a afetiva ligação com o movimento ferroviário, representado especificamente pela estação.

2. Sobre Restinga Sêca

Restinga Sêca é um município situado na região central do Estado do Rio Grande do Sul, que, para fins econômicos, turísticos, políticos, a exemplo de Agudo/RS, integra a chamada Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado. De acordo com Oliveira (1983), a emancipação aconteceu em 25 de março de 1959, conforme a Lei nº 3.730, assinada pelo então governador do Estado, senhor Leonel de Moura Brizola. Em primeiro de janeiro de 1960, ocorreu a sessão solene de instalação do município e a posse dos candidatos eleitos, sendo que o primeiro prefeito foi Eugênio Gentil Muller.

A tradição oral legou-nos a informação, mais tarde confirmada por aqueles que se dedicaram a contar a História de Restinga Sêca, segundo a qual o município teria surgido em virtude da construção da estrada de ferro Porto Alegre/Uruguaiana no final do século XIX e recebido a denominação de Caixa d'água, uma vez que os trens paravam ali para reabastecer a água que alimentava as velhas Maria fumaça, o que nos faz pensar que, antes disso, o local não tivesse qualquer identificação, fosse apenas terras devolutas.

Tendo sido encontrado em 1500, o território brasileiro em geral e o Rio Grande do Sul em particular não atraíram os interesses dos portugueses. No tocante ao Estado mais meridional do atual território nacional, somente a expedição demarcatória de Martim Afonso de Sousa foi registrar a sua existência. De acordo com Guilhermino César (1970), a região nasceu, em 1534, para a cartografia no mapa de Gaspar de Viegas sob a denominação de Rio de São Pedro, referência provável à barra do Rio Grande, que teria sido identificada por Martim Afonso.

César (1970, p. 50) observa:

No Rio Grande de São Pedro, vasta porção de terra contínua, situado entre a capitania de Pêro Lopes de Sousa e o estuário do Prata, nenhuma povoação se fundou, quer na costa, quer no interior, durante o século XVI. Abandonado à própria sorte pelas duas Coroas ibéricas, foi contudo palmilhado, nesse e no século seguinte, por vária casta de aventureiros, que passavam em demanda das possessões espanholas; por escravagistas de São Paulo; por missionários portugueses, que procuraram estabelecer aldeamentos no litoral; pelos Jesuítas espanhóis radicados em Buenos Aires e Assunção do Paraguai.

Os missionários jesuítas, fugindo dos bandeirantes paulistas, que buscavam aprisionar índios como mão-de-obra, adentraram o território do Rio Grande do Sul por volta de 1626, estabelecendo a chamada zona do “Tape”, em uma área que se estendia pela bacia do Jacuí, sendo limitada pela Serra do Mar e Geral e pelo Rio Uruguai (PESAVENTO, 1984). A pesquisadora anota, porém, que, cerca de 20 anos antes, jesuítas portugueses já haviam incursionado pelo território, sem, contudo, estabelecerem um legado que mereça distinção. Os seus pares espanhóis também não tiveram muita sorte e, por volta de 1640, acossado pelos bandeirantes deixaram a região. A retirada dos jesuítas, porém, representou o abandono do gado que criavam nas aldeias e que passou a reproduzir-se à solta, tornando-se bravio e formando uma imensa reserva bovina, que se tornou conhecida como “Vacaria del Mar”. Neste sentido, Pesavento (1984, p. 9) aponta: “Estava lançado o fundamento econômico

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

básico de apropriação da terra gaúcha: a preia do gado xucro”. Na sequência, registra-se uma nova incursão dos jesuítas em território gaúcho e a formação dos Sete Povos das Missões, que se tornam objeto do Tratado de Madri (1750) e cuja posse acaba deflagrando as Guerras Guaraníticas. Ao final, a região passa ao domínio português, os jesuítas são expulsos para o outro lado do rio Uruguai e os índios mortos ou dispersos pelo território.

Em continuidade, com o surgimento das charqueadas, registra-se a entrada maciça do elemento negro. Em meados do mesmo século, intensificava-se a doação de sesmarias no território sulino com o propósito de melhor ocupar a região, tornando-se os fazendeiros uma espécie de fronteira viva a defender o Brasil dos invasores castelhanos.

Ao redor da terceira década do século XVIII, teve início o processo de distribuição de sesmarias, definindo-se a posse da terra e do gado, com o estabelecimento de estâncias. A Coroa distribuiu terras aos tropeiros que se sedentarizaram ou aos militares que deram baixa e se afazenderam (...). Em 1732, deu-se a primeira concessão ao lagunista Manuel Gonçalves Ribeiro, na parada das Conchas, em Tramandaí. Muitas vezes, a ocupação anterior da terra precedia a legalização da posse, como se deu no caso de Jerônimo de Ornellas, que habitava a zona de Porto Alegre há alguns anos, recebendo a área como sesmaria em 1740 (PESAVENTO, 1984, p. 15).

Restinga Sêca, conforme registra Oliveira (1983), originou-se também do processo de doação de sesmarias, fato que aconteceu com a maioria dos municípios sul-riograndenses. A autora esclarece

Os primeiros proprietários de terras na área do atual município, em 1817, eram: Manoel dos Santos Pedroso, Jerônimo Dornellas de Souza, Antônio Gonçalves Borges, Miguel Martins Pinto e Antonio Rodrigues. Miguel Martins Pinto e seu filho Justino estabeleceram-se no Rincão da Entrada. Eram proprietários de uma grande extensão de terras cuja sede recebeu o nome de São Miguel (OLIVEIRA, 1983, p. 39).

De fato, o núcleo populacional de São Miguel foi o primeiro a desenvolver-se, especialmente a partir de 1857, sobretudo, porque a família Martins Pinto passou a vender pequenas porções de terras aos imigrantes alemães que chegavam à Colônia de Santo Ângelo, atual município de Agudo/RS. Nas décadas finais do século XIX, São Miguel, de acordo com Oliveira (1983), contava com várias casas comerciais, uma sub-intendência, o juizado de paz, um cartório distrital, uma fábrica de telhas francesas, um engenho descascador de arroz, uma

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

serraria, um curtume, uma selaria, uma ferraria, uma fábrica de cerveja e uma fábrica de gasosa, entre outros empreendimentos.

Por outro lado, a partir de 1885, não muito longe dali, foi levantada uma caixa d'água às margens da sanga da Restinga para abastecimento dos trens que transitavam pela estrada de ferro que ligava Porto Alegre à fronteira oeste, em Uruguaiana/RS. Ainda que o local fosse parada necessária para o abastecimento dos trens, naquele local, não se podia desembarcar mercadorias destinadas aos comerciantes da região. Assim sendo, os produtos somente ficavam disponíveis nas estações ferroviárias de Jacuí ou Arroio do Só, sendo, posteriormente, transportados aos seus respectivos destinos em carroças, carretas ou lombo de burro. Um dos comerciantes que enfrentavam essas dificuldades de transportes, em conformidade com Oliveira (1983), era o senhor Domingos Gonçalves Mostardeiro, que residia no atual território de Dona Francisca/RS. Justamente Domingos Gonçalves Mostardeiro foi o responsável pela comitiva que pleiteou junto à Viação Férrea do Rio Grande do Sul a construção de uma estação ferroviária nas imediações da caixa d'água, saindo vitorioso em seu pleito. A partir de 1899, o casal Mostardeiro passou a residir na nova localidade que, conforme Oliveira (1983, p.42), “já começava a ser conhecida com o nome de Restinga Sêca, em função da designação dada à estação (...)”.

Em consonância com a tradição oral da comunidade, costuma afirmar-se que o nome Restinga Sêca teria sido atribuído pelos tropeiros que passavam pelo local, em geral, vindos de Formigueiro/RS e que costumavam pernoitar no nascedouro da sanga da Restinga, uma sanga que, segundo informações populares, costumava secar em tempos de estiagem, formando uma espécie de restinga. A própria professora Lacy Cabral Oliveira (1983, p. 35) não menciona essa história e afirma:

Como a maioria dos colonizadores das regiões vizinhas, Santo Ângelo – hoje, Agudo, Dona Francisca, Faxinal, etc., chegasse à região, por via fluvial, é bem provável que, ao chegar, tivessem a impressão de se tratar de uma restinga, já que o Município é quase inteiramente contornado por cursos d'água.

Paulatinamente, o comércio passou a dinamizar a vida socioeconômica na nova comunidade. Além disso, em 1915, foi fundada a primeira indústria do local, a Metalúrgica Roepke, dos senhores Paulo Roepke e Eduardo Schmitt, responsável pelo conserto de vários tipos de implementos agrícolas. Na sequência, segundo Oliveira (1983), os restinguenses,

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

liderados pelos senhores Ernesto Friedrich e Alvino Carlos Potter, fundaram uma associação para integrar os moradores, que denominaram Sport Clube Sêco, que se consolidou e ainda existe, sendo o principal clube da cidade.

O povoado de Restinga Sêca adquirira certa supremacia sobre São Miguel, de tal forma que, em 14 de setembro de 1922, “oficialmente foi transferida a sede do Distrito” (OLIVEIRA, 1983, p. 45), apesar disso, São Miguel seguia se desenvolvendo.

Em conformidade com Oliveira (1983, p. 49), em 1938, Restinga Sêca, pela Lei nº 7.199 foi elevada à categoria de vila. A autora acrescenta:

Da extensão territorial de 191,91236 ha, onde foi instalada a vila de Restinga Sêca, em 2 de setembro de 1939, 145, 22575 ha pertenciam à área concedida, em sesmaria, a Jerônimo Dornellas de Souza pelo então governador Capitão-General Marquês de Alegrete, em 1817 [...].
As restantes 46, 68661 ha pertenciam à antiga Fazenda de Restinga Sêca, doada, em sesmaria, ao Cel. Antônio Gonçalves Borges para desenvolver a pecuária, no mesmo período de 1817 (OLIVEIRA: 1983, p. 49).

Resta claro, pois, que Restinga Sêca, na sua atual porção como município já constituía, antes da construção da estrada de ferro Porto Alegre/Uruguaiana, a antiga Fazenda de Restinga Sêca. Esse dado é corroborado por Auguste Saint Hilaire, viajante francês, que esteve no Rio Grande do Sul nos anos de 1820 e 1821, tendo narrado, em *Viagem ao Rio Grande do Sul*, as suas impressões sobre a terra e sobre a gente que encontrou.

No capítulo XX daquela obra, Saint Hilaire, vindo da Capela de Santa Maria, tendo passando pela Estância da Tronqueira, narra a sua estadia na Estância da Restinga Sêca, propriedade de um tal José Silveira. Seguindo viagem, o francês ainda hospeda-se no potreiro da Estiva (cerca de sete léguas da Estância de Silveira) e, na sequência, cruza o rio Jacuí em direção a São João de Cachoeira. As suas informações sobre a Estância da Restinga Sêca são parcas, o seu enfoque recai preferencialmente sobre José Silveira e sua família, ou mais particularmente sobre as vestes da gente da casa.

Silveira e seus filhos podem comparar-se, por seus modos, aos nossos camponeses ricos. O pai em casa usa uma veste de pano grosso, as crianças apenas um gibão, todos de pernas nuas; nenhum deles sabe ler nem escrever, e sua conversação se faz apenas sobre o pequeno número de objetos que os cercam. As mulheres são bonitas, muito brancas e coradas; não se parecem de nenhum modo com as nossas camponesas; contudo mostram-se encabuladas; aparecem pouco e jamais comem em nossa frente. Usam vestido de índia e um fichu; os cabelos armados com uma travessa e as pernas nuas (SAINT HILAIRE: 2002, p. 416)

Ademais, é possível saber que os alicerces da casa da Estância foram feitos de pedra e que possuem dois palmos. Pode-se inferir no decorrer da narrativa que a Estância da Restinga Sêca estaria localizada acerca de sete léguas do Potreiro da Estiva e que haveria outra estância situada cerca de uma légua da Estância da Restinga, sem que ela seja nominada.

A emancipação do município de Restinga Sêca/RS, conforme já mencionado, veio em 25 de março de 1959, assumindo como prefeito Eugênio Gentil Muller. O senhor Muller, segundo descreve Oliveira (1983), desde muito cedo, foi um indivíduo engajado às causas comunitárias, tendo participado da diretoria do Sport Clube Sêco, atuado como provedor do Hospital de Caridade São Francisco. Na condição de vereador, foi responsável pelo processo de eletrificação urbana e rural do município, pela instalação de um posto de venda de selos e pelo comando da Comissão de Emancipação, entre outros.

Sob o governo de Eugênio Gentil Muller, foi necessário organizar o novo município, incluindo desde a aquisição de mobiliário até a elaboração da lei orgânica municipal, a abertura de estradas vicinais, a organização da estrutura educacional, a disciplinação do código tributário, entre outras providências que são elencadas por Oliveira (1983). Sucederam-no, como primeiros mandatários do município, os senhores Waldemar Arthur Drews (1963 – 1968), Aldemar Muller (1969 – 1972), Arlindo Assman (1973 – 1976), Heitor da Silva Lemos (1977 – 1982), Gaudencio da Costa (1983 – 1988; 1997 – 2000; 2001 – 2004), Tarcizo Bolzan (1989 – 1992; 2005 – 2008; 2009 – 2012), Vilmar Foletto (1993 – 1996), Mauro Schunke (2013 – 2016) e Paulo Ricardo Salerno, atual prefeito.²

Agrega-se, pois, um dado novo à História do município: a denominação Restinga Sêca, ao contrário do que vem sendo disseminado pela memória oral, encontra respaldo em dados oficiais, como o é o caso do registro feito por Saint Hilaire, e antecede a existência da caixa d'água feita para abastecer as velhas locomotivas e que lhe serviria como designação no cômputo geral das estações férreas instaladas pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

3. A Estação Ferroviária: paisagens e memórias

Alves (2013, p. 133) observa:

² Disponível em <http://www.tre-rs.jus.br/index.php?nodo=278> Último acesso em 14 set. 2017.

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

O que propiciou o crescimento local [da comunidade de Restinga Sêca] foi a construção da estação férrea em 1898, após ser reivindicada pelos moradores que ali viviam [ou que comerciavam na região e dependiam dos produtos descarregados em Jacuí ou Arroio do Só].

A primeira estação era de madeira e, no início do século XX, foi o lar de Iberê Camargo, o famoso artista que nasceu no local, já que o seu pai era agente da estação e a mãe, telegrafista.

Um dos maiores pintores expressionistas do Brasil no século XX, Iberê Camargo morou pouco tempo em Restinga Sêca, mas, em qualquer lugar do mundo, sempre fez questão de referir o seu local de nascimento – ainda que, no ano de seu nascimento, Restinga Sêca fosse distrito de Cachoeira do Sul/RS. Em suas memórias, ele legou-nos um pouco daquele tempo, do tempo da velha estação, construída no século XIX, que lhe serviu como abrigo na infância e da vida cotidiana, comezinha, que envolvia aqueles que o cercavam.

Corre Chata, fecha as janelas, o mundo vem abaixo: minha mãe, juntando a ação às palavras. A velha estação de madeira treme e estala na boca da noite cheia de vento. No céu escuro rola, desgarrada, uma telha de zinco, leve como um pássaro. A caixa d'água, que dá de beber ao trem, tomba, riscando o ar, com a mangueira, o rastro da queda. Na estrada, um lençol, uma lanterna, uma bicicleta transforma-se num fantasma galhofeiro. É o amigo João Mostardeiro, que brinca de assustar. Dona Adelina, a professora, o seu Antoninho Pötter, trazem-me doce-de-leite, que saciará minha gulodice por longos anos. A ponte, o riacho, as flores encarnadas, carnosas, patinhos, como as chamava, boiam ainda sobre as águas, misturando com a luz e com a sombra. [...] Em frente a plataforma, abrupto um barranco. No topo, uma casa com muitas portas e janelas. É outro limite de meu mundo, da minha Restinga Sêca. Horácio Borges, Mostardeiro, Giuliani, Friedrich, nomes que soam familiar[...] (CAMARGO, 1969, apud, JORNAL TRIBUNA DE RESTINGA, 2009, p.15)

Além disso, através das histórias e pinturas de Iberê Camargo é possível reencontrar paisagens: a sanga da Restinga que servia para abastecer as locomotivas movidas a carvão, as flores de corticeira que dançavam como “patinhos” sobre as águas, o enorme barranco em frente à estação e as duas lindas casas que havia ali, entre outros aspectos (ALVES, 2013).

Na prática, durante muitos anos, a estação ferroviária era o centro econômico, mas também uma espécie de espaço dinamizador da vida social do lugarejo. Idaliza Zimmer, contadora aposentada, entrevistada por Alves (2013, p.136), contou-lhe:

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

A Estação de Restinga parecia uma passarela, na época de 50, as moças e rapazes iam lá encontrar os amigos, era um desfile. Na maioria das vezes, entravam no trem, que parava, só para comprarem balas ou outros doces. Às vezes, o trem ficava parado na estação mais um pouquinho para que as pessoas interagissem com os passageiros, nem que fosse pela janela. A estação tinha uma função social, todo o vilarejo vivia na dinâmica da ferrovia, tanto que até os bailes só começavam após a passagem do trem noturno, pois as pessoas aproveitavam para irem lá olhar o trem passar, antes do baile.

Entre os entrevistados de Alves (2013), colhem-se outros depoimentos, por exemplo, sobre a compra de maçãs argentinas, vindas diretamente de Uruguaiana/RS, cidade fronteiriça com aquele país; a atualização constante em termos de jornais e revistas, uma vez que, nos trens, havia o revisteiro, que trazia as novidades do mercado editorial vindo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Conforme já se mencionou, desde o início, a construção da estação obedeceu a um projeto comercial. O senhor Domingos Mostardeiro, comerciante que residente em Dona Francisca e que recebia as suas mercadorias pela via férrea, precisava retirá-las nas comunidades de Jacuí e Arroio do Só, mais distantes, encampando a ideia da construção de uma estação na localidade em que os trens paravam para reabastecer-se com água. Assim sendo, em seguida, foi construído um armazém de consignação, construído do outro lado da linha férrea que recebia material vendido para a remessa aos seus compradores ou, por outro lado, ficava sob sua tutela com os produtos comprados pelos comerciantes da região que vinham buscá-lo dias depois da descarga. Ao lado, logo depois, foi erigido, um depósito e descascador de arroz. Desse modo, o local, evidentemente, desenvolveu-se comercialmente, atraindo novos moradores, novas casas comerciais, fazendo principiar uma rica área de comercialização. Alves (2013, p.138) assinala:

Porém, a maioria da população não era de ferroviários, ou seja, as pessoas escolheram viver no local, criando vínculos culturais, o que propiciou, de certa forma, uma organização espacial mais planejada da cidade, com o traçado urbano retilíneo típico de cidades que se originaram de ‘povoados-estação’.

Na prática, além dos habitantes da cidade de Restinga Sêca/RS, vinham reunir-se ali os egressos da zona rural, descendentes dos povos germânicos que haviam composto as localidades de São Miguel, Vila Rosa, Várzea do Meio e Lomba Alta; os moradores das comunidades de São Rafael, São José, Santa Lúcia, Três Vendas, em geral, de ascendência

italiana, que também se localizaram naquele território em virtude da compra de terras da antiga sesmaria dos Martins Pinto; assim como os afrodescendentes que, de um modo geral, viviam e vivem no Rincão dos Martiminianos e em São Miguel dos Carvalhos, duas comunidades declaradas quilombolas. Assim posto, parece evidente que, ao lado do luso, detentor das sesmarias, que, em suas estâncias, cooptou o gaúcho teatino, andarilho, Restinga Sêca tem a sua identidade marcada pela diversidade étnica, que convive, a par das suas disparidades, valorizando a cultura de cada povo, mas que, ao que parece, ainda não encontrou formas de buscar o efetivo progresso da região associado aos novos tempos, desde a falência da grande empresa de Móveis Gaudencio, que desempregou mais de 3.000 trabalhadores, os quais, em busca de emprego, transferiram-se para serra gaúcha, diminuindo sensivelmente a população urbana.

Considerações finais

Restinga Sêca/RS é um dos tantos municípios do Rio Grande do Sul, estado mais meridional do Brasil, que nasceu da doação das sesmarias, fronteiras vivas que o governo central concedeu a soldados que deram baixa das tropas regulares ou tropeiros que se aposentaram. Na prática, era uma forma de ocupar aquelas terras praticamente desconhecidas pela Coroa Portuguesa e que sempre fora motivo de disputa entre os monarcas ibéricos.

De um modo geral, a História de Restinga Sêca esteve sempre atrelada à ereção de uma caixa d'água para o abastecimento das velhas locomotivas que faziam o trajeto entre Porto Alegre, capital do Estado, e Uruguaiana/RS, já na segunda metade do século XIX, e, mais tarde, à construção de uma estação férrea. Assim, parecia lícito aceitar-se que o seu primeiro nome fosse “Caixa d'água” e que, posteriormente, por um costume popular, passasse a ser chamada Restinga Sêca, associando-a à sanga que cruza a sua margem oeste. No entanto, aos poucos, essa informação pareceu não ser satisfatória e começamos a questioná-la para, de imediato, encontrar duas fontes que possibilitassem colocá-la em cheque: o único livro que trata da História do município, escrito e publicado em 1983, e a narrativa de Auguste Saint Hilaire que transitou por terras sul-riograndenses entre 1820 e 1821, portanto, em data anterior à passagem da estrada de ferro.

Diante das informações, com base em artigos, dissertações e teses, no meio acadêmico, ou seja, no universo da História, assim como nos relatos orais de, até agora,

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

quatro informantes, voltando, pois, o nosso olhar também para a memória coletiva, oral, decidimos que havia chegado a hora de (re) visitar essas informações, procurar atualizá-las, torná-las presentes no sentido de trazê-las ao tempo presente, com base nos dados que nos for possível obter e fazê-las presente à comunidade, que pouco ou nada sabe sobre tudo isso.

O presente artigo, que é o estudo inaugural dessa pesquisa posto no mundo acadêmico, traz o primeiro resultado, isto é, a confirmação que o nome Restinga Sêca é anterior à estrada de ferro e serviu como mote desencadeador para as pesquisas, que, certamente, precisam incluir estudos sobre Iberê Camargo, uma vez que ainda existem pessoas que conviveram com ele nas vezes em que o pintor retornava a sua terra natal; sobre a dinâmica de ocupação do espaço pelos imigrantes; sobre as possibilidades de aproveitamento turístico da região, haja vista que a diversidade – lusos, negros, alemães e italianos – constituem a sua grande marca, em especial, se confrontada com os demais municípios da chamada Quarta Colônia de Imigração Italiana, em que, evidentemente, domina a cultura italiana, e Agudo, a antiga Colônia de Santo Ângelo, basicamente formado por colonos de origem germânica.

Eis, pois, um projeto que nasceu e busca ganhar asas, alcançar o reconhecimento acadêmico para firmar-se e para reafirmar a existência de um pequeno município que, a exemplo da maioria das pequenas cidades do país, enfrenta dificuldades de toda ordem, o que tem determinado uma baixa auto-estima entre os seus habitantes. Não se pretende, obviamente, com este estudo transformá-lo em um processo de auto-ajuda, mas se acredita que quem melhor se conhece, melhor se valoriza.

REFERÊNCIAS

ALVES, H.M. Patrimônio e memória: um olhar sobre as paisagens ferroviárias do município de Restinga Sêca/RS – 1920 até os dias atuais. **Dissertação de mestrado**. 174 p. Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências. Universidade Federal de Santa Maria. 2013.

CESAR, G. **História do Rio Grande do Sul**. Período colonial. Porto Alegre: Globo, 1970.

JORNAL TRIBUNA DE RESTINGA. **Meio século de história**: A Restinga que o povo conta. Restinga Sêca, mar. 2009. Caderno Especial 50 anos de Restinga Sêca, p. 12.

OLIVEIRA, L.C. **Evolução histórica, política e administrativa do município de Restinga Sêca**. Restinga Sêca: Edição própria, 1983.

SANTOS, Elaine dos. Em busca da História e das histórias de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

PESAVENTO, S. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1984.

SAINT HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Haroldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

Recebido em 17/09/2017

Aprovado em 19/12/2017